

OS CEM MIL REINOS



N. K. JEMISIN



Galera

N. K. JEMISIN

**OS CEM MIL
REINOS**

Livro um da trilogia Legado

Tradução

Ana Cristina Rodrigues

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO
2021

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J49c

Jemisin, N. K.

Os cem mil reinos [recurso eletrônico] / N. K. Jemisin; tradução Ana Cristina Rodrigues. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2021.
recurso digital (Legado; 1)

Tradução de: The hundred thousand kingdoms

Continua com: The broken kingdoms

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5981-055-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Rodrigues, Ana Cristina. II. Título. III. Série.

21-72101

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

Título original:

The hundred thousand kingdoms

Copyright

The hundred thousand kingdoms © 2010 by N.K. Jemisin

Leitura sensível:

Lorena Ribeiro

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Edição eletrônica da versão impressa: Abreu's System

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos
pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se
reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil



ISBN 978-65-5981-055-0

Seja um leitor preferencial Record
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

Sumário

- 1 | Avô
- 2 | O outro Céu
- 3 | Escuridão
- 4 | Mago
- 5 | Caos
- 6 | Alianças
- 7 | Amor
- 8 | Primo
- 9 | Memórias
- 10 | Família
- 11 | Mãe
- 12 | Sanidade
- 13 | Resgate
- 14 | Mortos Andarilhos
- 15 | Ódio
- 16 | Sar-enna-nem
- 17 | Alívio
- 18 | Masmorra
- 19 | Diamantes
- 20 | A Arena
- 21 | Primeiro Amor
- 22 | Tanta raiva
- 23 | Egoísmo
- 24 | Se eu pedir
- 25 | Uma chance

26 | O baile

27 | Ritual de sucessão

28 | Crepúsculo e alvorada

29 | Os Três

Apêndice 1 | Glossário de termos

Apêndice 2 | Explicação dos termos

Apêndice 3 | Registro Histórico; Notas de família dos Arameri, volume 1, da coleção de Dekarta Arameri

Agradecimentos



Avô

EU NÃO SOU MAIS COMO ERA ANTES. Eles fizeram isso comigo, me destruíram e arrancaram meu coração. Não sei mais quem eu sou.

Eu preciso me lembrar.

* * *

Meu povo conta histórias da noite em que nasci. Dizem que minha mãe cruzou as pernas durante o parto e lutou com todas as forças para não me trazer ao mundo. Eu nasci assim mesmo, óbvio; a natureza não pode ser impedida. Não me surpreende, no entanto, que ela tenha tentado.

* * *

Minha mãe era herdeira dos Arameri. Houve um baile para a baixa nobreza — o tipo de coisa que acontece uma vez por década, como um agrado sarcástico para a autoestima deles. Meu pai ousou convidar minha mãe para dançar; ela consentiu. Eu costumava imaginar o que ele fez e disse naquela noite para que ela se apaixonasse tão perdidamente, pois minha mãe acabou por abdicar da posição dela para ficar com ele. Uma trama digna de grandes contos, não? Muito romântico. Nessas histórias, o casal vive feliz para sempre. Os contos não dizem o que acontece quando a família mais poderosa do mundo é ofendida no processo.

* * *

Mas me perdi. Quem eu era mesmo? Ah, sim.

Meu nome é Yeine. Na tradição do meu povo, eu sou Yeine dau she Kinneth tai wer Somem kanna Darre, o que significa que sou filha de Kinneth, e que o nome da minha tribo dentro do povo darre é Somem. As tribos não significam muito para nós atualmente, embora tivessem grande importância antes da Guerra dos Deuses.

Tenho dezenove anos. Também sou, ou costumava ser, a líder do meu povo, chamada de *ennu*. Para os Arameri, que seguem as mesmas tradições amnias, a origem deles, eu sou a Baronesa Yeine Darr.

Um mês depois da morte da minha mãe, recebi uma mensagem do meu avô Dekarta Arameri, me convidando para visitar o lar da minha família. Como não se recusa um convite dos Arameri, viajei a Senm. Foram quase três meses, partindo do continente do Alto Norte, através do Mar do Arrependimento. Apesar da relativa pobreza de Darr, viajei com estilo durante todo o trajeto, primeiro em uma liteira, depois em um navio transoceânico, e, finalmente, em uma carruagem com chofer. Não foi escolha minha. O Conselho de Guerreiros de Darr esperava desesperadamente que eu pudesse nos restituir as boas graças dos Arameri, e achou que aquela extravagância poderia ajudar. É conhecido por todos que os amnies respeitam demonstrações de riqueza.

Assim preparada, cheguei ao meu destino nas vésperas do Solstício de Inverno. O condutor parou a carruagem em uma colina ainda fora da cidade, com a desculpa de dar água aos cavalos, mas provavelmente a verdade era que, por ser um nativo, gostava de ver os estrangeiros boquiabertos. Foi assim que tive meu primeiro vislumbre do coração dos Cem Mil Reinos.

Existe uma rosa muito conhecida no Alto Norte. (Isso não é uma digressão.) Chama-se rosa-saia-de-altar. Não só as pétalas dela desabrocham em um esplendor branco perolado, como também, frequentemente, uma flor secundária incompleta cresce na base do caule dela. Em sua forma mais admirada, a saia-de-altar revela uma camada de pétalas enormes que cobrem o chão. As duas florescem em sincronia, a cabeça fértil e a saia, gloriosa em cima e em baixo.

Assim era a cidade chamada Céu. No chão, espalhava-se por uma pequena montanha ou uma grande colina: um círculo de altas muralhas e camadas sobrepostas de edifícios, todos brancos

resplandecentes, por decreto dos Arameri. Sobre a cidade, menor e mais brilhante — o perolado das camadas era obscurecido ocasionalmente por massas de nuvens —, estava o palácio, também chamado de Céu, e provavelmente ainda mais merecedor do nome. Eu sabia que havia uma coluna ali, um pilar inacreditavelmente fino para sustentar aquela imensa estrutura, mas, por causa da distância, não consegui ver. O palácio flutuava sobre a cidade, unidos em espírito, ambos de uma beleza tão sublime que preendi a respiração ao vê-los.

A rosa-saia-de-altar é valiosa por causa da dificuldade em produzi-la. As linhagens mais famosas são cruzadas entre si; isso foi originado de uma deformidade que algum criador mais esperto julgou útil. O odor primário da flor, que é doce para nós, aparentemente é repugnante para os insetos; essas rosas precisam ser polinizadas manualmente. A flor secundária drena nutrientes que são cruciais para a fertilidade da planta. Sementes são raras, e para cada uma que cresce e vira uma rosa saia-de-altar perfeita, outras dez se tornam plantas que precisam ser destruídas pela feiura delas.

* * *

Nos portões do Céu (o palácio), fui mandada embora, porém não pelos motivos que eu esperava. Aparentemente, meu avô não estava. Ele deixou instruções para o caso da minha chegada.

O Céu é o lar dos Arameri; negócios raramente são feitos ali. Isso porque, oficialmente, eles não governam o mundo. É o Consórcio dos Nobres que o faz, com o benevolente apoio da Ordem de Itempas. O Consórcio se reúne no Salão, uma construção imensa e imponente — com muros brancos, naturalmente — situada em um conglomerado de edifícios oficiais aos pés do palácio. É muito impressionante, e seria ainda mais se não estivesse diretamente sob a sombra elegante do Céu.

Entrei e anunciei minha chegada à equipe que trabalha no Consórcio, o que surpreendeu a todos, porém de forma educada. Um deles — um ajudante de baixíssimo escalão, pelo que percebi — foi designado para me acompanhar até a câmara central, onde a sessão do dia estava bem adiantada.

Como membro da nobreza inferior, eu sempre tive lugar na reunião do Consórcio, porém nunca pareceu ser importante. Além dos custos e dos meses de viagem necessários para comparecer, Darr era simplesmente pequeno, pobre e desfavorecido demais para ter alguma influência, mesmo antes da abdicação de minha mãe, que aumentou a nossa má reputação. A maior parte do Alto Norte é vista como uma província, e apenas as maiores nações têm prestígio ou dinheiro o bastante para fazer com que as próprias vozes sejam ouvidas entre nossos pares nobres. Então, não fiquei surpresa ao descobrir que o lugar reservado para mim no salão do Consórcio — em uma área mal iluminada, atrás de uma pilastra — estava ocupado por um delegado de uma das nações do continente de Senm. Seria terrivelmente rude, ansioso o ajudante gaguejou, deslocar aquele homem, um ancião de joelhos ruins. Será que eu não me incomodaria de me manter em pé? Como eu tinha acabado de passar muitas horas presa em uma carruagem, alegrei-me em aceitar.

O ajudante me guiou a uma lateral do piso do Consórcio, onde eu teria uma boa visão do que estava acontecendo. A câmara do Consórcio era construída de forma magnífica, em mármore branco e uma madeira escura e nobre que provavelmente tinha vindo em uma época mais próspera das florestas de Darr. Os aristocratas — cerca de trezentos no total — sentavam-se em cadeiras aconchegantes no piso da câmara ou em plataformas elevadas. Ajudantes, pajens e escribas ocupavam, como eu, os cantos, prontos para buscar documentos ou executar tarefas conforme necessário. Na extremidade da câmara, o Fiscal do Consórcio ficava em cima de um pódio elaborado, apontando para os membros que indicavam o desejo de ter a palavra. Aparentemente, havia uma disputa acerca de direitos sobre a água em um deserto; cinco países estavam envolvidos. Nenhum dos participantes do debate falava fora de hora; ninguém perdia a calma; não havia comentários ácidos ou insultos disfarçados. Tudo era muito ordenado e havia educação, apesar do tamanho da reunião e do fato de que a maioria dos presentes estava acostumada a falar quando quisesse entre o próprio povo.

Um dos motivos para aquele bom comportamento extraordinário estava em um pedestal atrás do pódio: uma estátua em tamanho natural do Pai do Céu em uma das poses mais famosas Dele, o Apelo à Razão Mortal. Era difícil falar fora de hora debaixo daquele olhar severo. Porém, suspeitei que mais repressor ainda era o olhar firme do homem que estava sentado atrás do supervisor, em um camarote elevado. Eu não podia visualizá-lo direito de onde estava, mas ele era velho, com vestes finas e estava cercado por um homem mais jovem e louro e uma mulher de cabelos castanhos, além de vários serventes.

Não demorou muito para eu adivinhar a identidade daquele homem, embora ele não usasse coroa, não tivesse segurança visível e nem ele, nem ninguém da comitiva que o acompanhava tivesse falado durante o encontro.

— Olá, avô — eu murmurei para mim mesma, e sorri para ele do outro lado da câmara, mesmo sabendo que ele não podia me ver. Os pajens e os escribas passaram o resto da tarde me olhando estranho.

* * *

Eu me ajoelhei perante meu avô com a cabeça abaixada, ouvindo risadinhas.

Não, espere.

* * *

Antes, existiam três deuses.

Quero dizer, apenas três. Agora existem dezenas, talvez centenas. Eles se reproduzem como coelhos. Mas antes existiam apenas três, os mais poderosos e gloriosos de todos: o deus do dia, o deus da noite e a deusa do crepúsculo e da aurora. Ou da luz, escuridão e penumbras entre elas. Ou ordem, caos e equilíbrio. Nada disso é relevante, porque um deles morreu, o outro acreditava-se que tenha morrido também, e o último é o único que ainda importa.

O poder que os Arameri têm hoje, conseguiram com esse deus remanescente. Ele é chamado de Pai do Céu, o Luminoso Itempas,

e os ancestrais dos Arameri eram os sacerdotes mais devotados Dele. Ele os recompensou com uma arma tão poderosa que nenhum exército poderia enfrentá-la. E eles usaram essa arma — ou melhor, armas — para se tornarem governantes do mundo.

Agora sim.

* * *

Eu me ajoelhei perante meu avô, com minha cabeça abaixada e a faca posta no chão.

Estávamos no Céu. Fomos para lá depois da sessão do Consórcio, usando a magia do Portão Vertical. Assim que chegamos, fui convocada até o salão de audiências do meu avô, que parecia muito com uma sala do trono. O aposento era vagamente circular, pois círculos são sagrados para Itempas. O teto em cúpula fazia com que os membros da corte parecessem mais altos — desnecessariamente, uma vez que os amnies são altos se comparados ao meu povo. Altos, pálidos e sempre de prontidão, como se fossem estátuas de seres humanos e não seres feitos de carne e sangue.

— Altíssimo Lorde Arameri — disse. — É uma honra estar em sua presença.

Eu ouvi risadinhas quando entrei no salão. Elas soaram de novo, abafadas em mãos, lenços e leques. Lembravam bandos de passarinhos nas copas das árvores de uma floresta.

Na minha frente estava Dekarta Arameri, o não coroado rei do mundo. Ele era velho; talvez fosse o homem mais velho que eu já conheci, porém como os amnies geralmente vivem mais do que o meu povo, então não era uma surpresa. O cabelo ralo dele tinha ficado branco, e ele era tão magro e corcunda que a poltrona elevada de pedra onde se sentava — e que nunca era chamada de trono — parecia engoli-lo por inteiro.

— Neta — ele disse, e as risadinhas pararam. O silêncio era denso o bastante para ser posto na minha mão. Ele era o cabeça da família Arameri e a sua palavra era lei. Ninguém esperava que ele me reconhecesse como família, muito menos eu.

— Levante-se — enunciou. — Deixe-me vê-la.

Levantei, recolhendo minha faca já que ninguém a pegou. Houve mais silêncio. Não sou muito interessante aos olhos dos dois povos. Poderia ser diferente se meus traços tivessem uma combinação mais agradável — a altura dos amnies com as curvas dos darres, talvez, ou o grosso cabelo darre sobre a compleição amnia. Eu tenho os olhos dos amnies: de um verde desbotado, mais inquietantes que bonitos. Sou baixa, reta, com a pele negra, em um marrom fechado como madeira, e meu cabelo é um amontoado de cachos. Como o considero indomável, eu o deixo curto. Por vezes, acham que eu sou um rapaz.

Conforme o silêncio prosseguia, vi Dekarta franzir a testa. Percebi que tinha uma marca estranha nela: um círculo perfeito, como se alguém tivesse mergulhado uma moeda na tinta preta e a pressionado na sua pele. De cada lado, havia uma listra grossa também preta, cercando o círculo.

— Você não parece nada com ela — disse ele, por fim. — Mas acho que tudo bem. Viraine?

Ele se referiu a um homem que estava entre os cortesãos mais próximos ao trono. Por um instante pensei que era outro ancião, no entanto percebi meu erro: embora o cabelo fosse totalmente branco, ele estava ainda por volta da quarta década de vida. Ele também tinha uma marca na testa, mas menos elaborada que a de Dekarta: apenas um círculo preto.

— Não é um caso perdido — Viraine respondeu, cruzando os braços. — Não há o que ser feito sobre a aparência dela, acho que nem maquiagem ajudaria. Mas coloque-a em roupas civilizadas e ela poderá dar a impressão de... nobreza, pelo menos.

Ele estreitou os olhos, me analisando minuciosamente por partes. A melhor vestimenta darre que eu tinha, um longo colete de pelos de civeta branca e calças justas até a panturrilha, o fez suspirar. (Tinham me olhado de modo estranho por causa da roupa no Salão, mas eu não tinha percebido que era *tão* ruim.) Ele examinou meu rosto por tanto tempo que me perguntei se deveria mostrar os dentes. Em vez disso, ele que sorriu, mostrando os dele.

— A mãe a treinou bem. Veja como ela não demonstra medo ou ressentimento, mesmo agora.

— Então, ela serve — declarou Dekarta.

— Para que, avô? — perguntei. O silêncio na sala ficou ainda mais denso, cheio de expectativas, embora ele já tivesse me chamado de neta. Havia algum risco em ousar me dirigir a ele também de maneira familiar; afinal, homens poderosos são sensíveis em relação a coisas estranhas. Mas a minha mãe realmente tinha me treinado bem, e eu sabia que era um risco válido para estabelecer meu lugar aos olhos da corte.

O rosto de Dekarta Arameri não se alterou; eu não consegui ler sua expressão.

— Para ser minha herdeira, neta. Pretendo nomeá-la nessa posição hoje.

O silêncio tornou-se uma pedra tão dura quanto a cadeira de meu avô.

Achei que ele podia estar brincando, mas ninguém riu. Foi isso que me fez acreditar nele: o choque e o horror nos rostos dos cortesãos ao encararem o senhor deles. Exceto o que se chamava Viraine. Este me observava.

Percebi que esperavam uma resposta.

— Você já tem herdeiros — falei.

— Poderia ser mais diplomática — Viraine falou em um tom seco. Dekarta o ignorou.

— É verdade, há outros dois candidatos — ele afirmou para mim. — Meus sobrinhos Scimina e Relad. Seus primos distantes.

Já tinha ouvido falar sobre eles, todos tinham. Os rumores frequentemente diziam que um ou outro era o herdeiro, embora ninguém soubesse ao certo qual. Serem *ambos* era algo que não tinha me ocorrido.

— Se posso dar uma opinião, avô — eu disse com cuidado, apesar de ser impossível ser cautelosa nessa conversa. — Comigo, teríamos dois herdeiros a mais que o necessário.

Eram os olhos que faziam Dekarta parecer tão velho, eu perceberia muito tempo depois. Não sei qual a cor original deles; a idade tinha os clareado e deixado opacos até ficarem quase brancos. Havia vidas inteiras naqueles olhos, e nenhuma era feliz.

— Realmente — ele respondeu. — Mas acho que é o bastante para uma competição interessante.

— Não entendo, avô.

Ele ergueu a mão em um gesto que antes teria sido gracioso. Naquele momento, a mão tremia demais.

— É bem simples. Nomeei três herdeiros. Um de vocês irá de fato me suceder. Os outros dois, com certeza, irão se matar ou serão mortos por quem vencer. Quem vive, quem morre... — Ele deu de ombros. — Vocês que irão decidir.

Minha mãe me ensinou a nunca demonstrar medo, porém as emoções não podem ser acalmadas tão facilmente. Comecei a transpirar. Fui alvo de uma tentativa de assassinato apenas uma vez — um benefício de ser herdeira de uma pequena nação empobrecida. Ninguém queria o meu lugar. Mas agora, havia outros dois que queriam. Lorde Relad e Lady Scimina eram mais ricos e poderosos do que eu poderia sonhar em ser um dia. Tinham passado a vida inteira lutando um contra o outro, com o objetivo de governar o mundo. E ali eu chegava, desconhecida, sem recursos e com poucos amigos, para o confronto.

— Não haverá nenhuma decisão — eu disse. Mostrando meu valor, minha voz não tremeu. — E nem competição. Eles me matarão de imediato e voltarão a atenção um para o outro novamente.

— Isso é uma possibilidade — informou meu avô.

Não conseguia pensar em nada a dizer que pudesse me salvar. Ele não sabia o que estava fazendo; isso era óbvio. Que outro motivo para fazer do mundo um prêmio a ser disputado? Se ele morresse no dia seguinte, Relad e Scimina iriam despedaçar a terra entre eles. A matança duraria décadas. E pelo que ele sabia, eu era uma tola. Se por alguma impossibilidade, eu conseguisse o trono, poderia lançar os Cem Mil Reinos em uma espiral de sofrimento e desgoverno. Ele tinha que saber disso.

Não se pode argumentar com a insensatez. Mas, às vezes, com sorte e com a bênção do Pai do Céu, consegue-se entendê-la.

— Por quê?

Ele assentiu como se estivesse esperando a minha pergunta.

— Sua mãe me privou de um herdeiro quando deixou a nossa família. Você pagará esse débito.

— Faz quatro meses que ela foi sepultada! — exclamei. — Você quer mesmo se vingar de uma mulher morta?

— Não se trata de vingança, neta. É uma questão de dever — ele fez um gesto com a mão esquerda e outro cortesão se destacou do grupo.

Ao contrário do outro homem (na verdade, ao contrário da maioria dos cortesões que eu podia ver), a marca na testa dele era uma meia-lua virada de cabeça para baixo, como uma boca expressando um descontentamento severo. Ele ajoelhou-se na frente do estrado que sustentava a cadeira de Dekarta, com uma comprida trança vermelha caindo sobre o ombro até se enrolar no chão.

— Não posso esperar que sua mãe lhe tenha ensinado sobre dever — Dekarta falou para mim por cima das costas do homem. — Ela mesma abandonou o dela para brincar com aquele selvagem de palavras doces. E eu permiti... uma indulgência da qual ainda me arrependo. Então, irei amenizar esse arrependimento trazendo você de volta, neta. Quer você morra, quer você viva, é irrelevante. Você é Arameri, e, como todos nós, irá servir.

Ele acenou para o ruivo.

— Prepare-a o melhor que puder.

Não havia mais nada a dizer. O homem ruivo levantou-se e veio até mim, murmurando que eu devia segui-lo. Foi o que fiz. Assim terminou meu primeiro encontro com meu avô, e então começou meu primeiro dia como Arameri. Não foi o pior dos dias que viriam.